

ISSN 2238-9113

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- () EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- () SAÚDE
- (x) TRABALHO
- () TECNOLOGIA

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA REDE DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA DA ASSOCIAÇÃO DE TRABALHADORES RURAIS DO ASSENTAMENTO TRÊS LAGOAS NO MUNICÍPIO DE CASTRO/PR

Ana Carolina Gilgen (anagilgen@gmail.com)
Carlos Eduardo Macagi (cmacagi@gmail.com)
Thiago Da Silva Berger (thiagoberger_@hotmail.com)
Reidy Rolim De Moura (reidymoura@gmail.com)

RESUMO – O presente artigo tem como objetivo apresentar o trabalho de assistência e orientação em execução pelo programa de extensão da UEPG, IESol (Incubadora de Empreendimentos Solidários), em conjunto com os agricultores familiares do Assentamento Três Lagoas (Castro/PR), com a finalidade de construir uma Rede de Comercialização que possibilite estabelecer canais de escoamento dos alimentos produzidos pela comunidade. Após um breve histórico e uma explicação sobre os princípios que norteiam a IESol, além de um panorama sobre a trajetória histórica do assentamento, o artigo expõe suas demandas e dificuldades no presente momento e como a IESol desenvolve suas formações a fim de supri-las, sua metodologia de abordagem, uma enumeração das etapas trabalhadas e seus resultados até o momento .

PALAVRAS-CHAVE – Economia Solidária. Rede de Comercialização. Agricultura Familiar.

Introdução

A economia solidária, segundo Singer (2003), é um modo de produção e distribuição distinto do capitalismo, nascido a partir de um processo contínuo e autônomo de organização dos trabalhadores e trabalhadoras. A proposta, que ganhou forças a partir da reestruturação produtiva, em 1970, tem como base um conjunto de princípios, a saber: cooperação, igualitarismo, auto-sustentação, participação, democracia, responsabilidade social, desenvolvimento humano e autogestão.

Tais princípios se materializam na construção livre e autônoma de cooperativas e associações, regidas por uma organização democrática e não hierárquica dos próprios

trabalhadores. Articulam-se em torno da não divisão entre posse e uso dos meios de produção, rompendo com a lógica do trabalho assalariado, conformando assim, uma relação não exploratória entre os próprios trabalhadores e entre estes e os recursos naturais utilizados.

Assim, devido ao seu potencial educativo, no sentido de fomentar valores que questionem a busca incessante pelo lucro em detrimento do meio ambiente e do desenvolvimento humano, a economia solidária representa uma proposta de transformação da realidade. Esse aspecto torna-a um tema amplo, presente como diversas expressões da sociedade civil, na forma de movimento social, empreendimentos econômicos solidários e entidades de apoio. Por outro lado, também é impulsionada como eixo de política pública, no âmbito do aparato estatal.

Nesse contexto, com o objetivo de impulsionar a economia solidária, incentivando a propagação de empreendimentos solidários e desenvolvendo ações educativas, nascem as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) no contexto das universidades.

A ITCP da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) começa a ser construída a partir do ano de 2002, quando a UEPG ingressa na Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. No ano de 2004, através de uma parceria entre a Rede de ITCPs, a Incubadora da Universidade Federal do Paraná e a Secretaria de Trabalho, Emprego e Promoção Social, é promovido um curso de introdução à Economia Solidária, do qual a universidade participa. Nesse contexto, cresce a discussão sobre o tema, bem como, amplia-se a experiência que possibilita condições para a constituição de uma incubadora nesta Universidade. Assim nasce a IESol (Incubadora de Empreendimentos Solidários), que hoje se mantém como programa permanente de extensão, patrocinado por diversas entidades financiadoras, como CNPq e Petrobrás.

A IESol conta com equipe interdisciplinar que trabalha com o objetivo de apoiar processos de construção e consolidação de empreendimentos econômicos solidários, capacitando seus integrantes para a geração de renda a partir do trabalho associado. Os eixos temáticos trabalhados pela incubadora vão desde aspectos de coesão interna, como resolução de conflitos e processos democráticos; passando pela reflexão crítica sobre a organização produtiva da sociedade e a economia solidária como alternativa; formação administrativa no âmbito da economia solidária; divulgação e captação de recursos; articulação com movimentos sociais; até o processo produtivo em si, com o desenvolvimento de novas propostas produtivas e de abordagem do público.

Atualmente, a IESol incuba/assessora 13 empreendimentos na região dos Campos Gerais. O momento de aproximação inicial entre o empreendimento e a incubadora é

fundamental para a apreensão da situação atual do grupo e de suas demandas específicas, pois é a partir disso que o trabalho com cada empreendimento será direcionado para objetivos mais específicos. É nesse momento também que se estabelece a relação incubadora-empreendimento, de acordo com o nível de apoio demandado por cada grupo, em uma das três modalidades: incubação, acompanhamento ou assessoria.

Nesse sentido, apresentaremos a experiência de incubação da Associação de Trabalhadores Rurais do Assentamento Três Lagoas, no que tange ao período específico da construção de uma Rede de Comercialização Solidária no município de Castro/PR.

Localizado no distrito do Abapã no município de Castro (Paraná), a história do Assentamento Três Lagoas remonta o ano de 1989, quando ocorreu a ocupação da fazenda GeoSul por 95 famílias de diversas localidades do interior do Paraná sob a bandeira do Movimento Sem Terra. Após diversos entraves com fazendeiros locais e sob coerção, por vezes violenta, as famílias acabaram por abandonar as terras. Entretanto, deram continuidade em sua luta de legitimação de sua posse através do Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), enquanto eram subsidiadas pela Igreja Católica. O Inbra só viria a legalizar o assentamento em 1994, apesar de só ter permitido que 12 famílias e 8 posseiros ocupassem.¹

Porém, apesar de sua vitória sob a posse da terra, novos problemas surgiram, com destaque as dificuldades na construção de canais de escoamento da produção de alimentos. Para suprir essa carência, em meados de 2004, foi criada a Associação dos Trabalhadores Rurais de Três Lagoas, a fim de participarem de projetos governamentais e comercialização coletiva. Assim, a maior parte da produção é destinada para compras institucionais de projetos públicos, já que essa forma de venda dispõe de uma organização prévia quanto à destinação dos produtos, facilitando de certa forma, o trabalho dos agricultores. No entanto, os referidos projetos² apresentam diversas dificuldades como: demora nos pagamentos, fiscalização deficitária, falta de flexibilidade quanto às espécies demandadas, suspensões temporárias dos programas, além de não favorecer a relação educativa entre produtores e consumidores.

¹ Em última constatação, em 2013, esse número havia aumentado para 18 famílias.

² Entre sua principal forma de subsistência participavam, desde 2004, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), no qual, resumidamente, os agricultores produziam certos produtos em uma quantia pré-acordada com o governo federal em troca de financiamento e garantia de compra pelo próprio governo, a fim de encaminhá-los para área de insegurança alimentar. Através do PAA, os assentados comercializavam frutas, legumes e verduras.

Os assentados também obtiveram resultados insatisfatórios com relação a comercialização através de feiras em Castro, devido a falta de hábito da população castrense em frequentá-las, a má localização e falta de informação. Devido a esses diversos fatores, no momento os associados encontram-se em dificuldade em gerar sua subsistência, sendo que alguns poucos agricultores se mantêm através da venda individual porta-a-porta.

Dessa forma, encontrou-se como alternativa para o escoamento da produção, a construção de uma rede de comercialização solidária, que consiste na organização de núcleos de consumidores que vinculam-se à produção de um determinado território.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as potencialidades do processo de construção da Rede de Comercialização Solidária da Associação dos Trabalhadores do Assentamento Três Lagoas no município de Castro/PR, a partir da relação com a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa (IESol/UEPG).

Referencial teórico-metodológico

O trabalho que vem sendo desenvolvido no Assentamento Três Lagoas tem como base o debate teórico da economia solidária, que orienta as atividades da incubadora. O referencial utilizado também abrange temas como tecnologia social, precificação, solidariedade, comunicação visual identidade coletiva, diagnóstico rural participativo e redes de comercialização solidária.

A metodologia utilizada no desenvolvimento das atividades repousa no olhar da educação popular, a partir da exposição dialogada, na qual se valoriza o saber vivencial, por meio da compreensão de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 24).

Utilizando-se da referida metodologia, foram trabalhadas até o presente momento, encontros de formação sobre os seguintes temas:

1) Construção de plano de negócios: Processo formativo e de reflexão que proporciona aos associados visualizar de forma integral as etapas de gestão de um empreendimento, desde a organização da produção até a relação com o público.

2) Precificação: Identificação dos fatores fixos e variáveis que compõem o custo de produção de um bem, a partir da observação cotidiana. Reflexão sobre os aspectos subjetivos que agregam valor aos produtos, com o objetivo de integrar a discussão sobre preço justo no âmbito da economia solidária.

3) Organização básica da rede de comercialização: Estabelecimento da capacidade produtiva, escolha da forma de organização da escala de produção e forma de contato com clientes.

4) Identidade Coletiva: Perceber a identidade individual e sua relação com a identidade coletiva, com o objetivo de identificar aspectos de conexão entre os membros do empreendimento.

5) Teoria de Cores: Refletir sobre o significado das cores, possíveis combinações e sensações que causam.

6) Comunicação Visual: Possibilitar aos associados escolher figuras relacionadas à sua identidade com o objetivo de construir uma logomarca.

7) Organização territorial da Rede: Uso de mapa social para a identificação de locais parceiros para a criação de núcleos territoriais de consumidores e estabelecimento de territórios prioritários para a busca ativa de consumidores, com base na diminuição de custos logísticos.

Resultados

A construção da Rede de Comercialização Solidária vem possibilitando um processo educativo a partir da realidade vivida pela Associação de Trabalhadores Rurais do Assentamento Três Lagoas. Com base nessa proposta, os associados vem refletindo sobre alternativas para o escoamento da produção, que não os subordine tanto a regramentos externos, como no caso das vendas em projetos institucionais. Dessa forma, tem sido possível articular reflexões generalistas do campo da economia solidária - como a horizontalidade, desenvolvimento humano, cooperação e autonomia - com a intervenção na realidade.

Esta proposta possibilita aos agricultores apreender o processo completo da organização de canais de escoamento da produção, o que fornece as bases necessárias para a multiplicação da experiência através dos próprios associados

Além disso, a consolidação da rede fortalecerá a economia local no município de Castro/PR e possibilitará melhor acesso a alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos para a população do município. Bem como, gera espaços de reflexão a partir do contato entre os agricultores e consumidores, fazendo circular informações e contribui no processo de consciência sobre os problemas socioambientais causados pelo atual modelo de consumo.

Considerações Finais

Devido à dominação do modelo produtivo com base na grande concentração de terras e no monocultivo, passamos por um processo que tem ocasionado danos ambientais, como a contaminação dos recursos hídricos, ameaça à biodiversidade e riscos à saúde. Por outro lado, tal modelo produtivo esmaga a agricultura familiar que dispende de baixo capital, encontra dificuldades para comercializar sua produção.

A construção de conhecimentos para a consolidação de uma Rede de Comercialização Solidária possibilita reaproximar os consumidores dos produtores, contribuindo para a reflexão crítica do modelo de consumo capitalista e favorecendo o acesso à alimentação de qualidade superior. Considerando os impactos para o grupo produtor, possibilita-se menor dependência dos mercados institucionais, bem como, domínio da organização do processo de comercialização e contato com clientes, uma das maiores dificuldades encontradas pelos trabalhadores rurais. Além disso, proporciona a superação da dependência técnica dos agricultores, que compreendendo todo a construção da Rede de Comercialização Solidária, podem desenvolver adequações, refletir e multiplicar a ação.

De forma geral, a presente proposta gera mudanças nas relações sociais entre associados, vizinhos, autoridades públicas e população em geral, representando o que Singer (2003) nomeia de revoluções locais, promovendo transformações em níveis individual e social.

APOIO: Projeto MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SINGER, Paul. **Introdução a Economia Solidária.** Perseu Abramo. Economia Nacional, 2002